

HISTÓRICA

2

*Revista de estudos, metodologia
e opinião dedicada ao professor
e ao grande público interessado
na apresentação moderna dos
acontecimentos históricos.*

maio/agosto ano I 1972

Grífo

Histórica

N.º 2 — ANO I — 1972

Rio de Janeiro — Brasil

O preço deste número	Cr\$ 14,00
Assinatura anual	
Brasil e Portugal	Cr\$ 34,00
Outros países	Cr\$ 46,00 (\$ 9,00)

Os pagamentos da assinatura podem ser feitos em cheque nominal em favor da GRIFO EDIÇÕES LTDA. e remetidos, assim como tôda a correspondência, para a Rua do Lavradio, 184, Rio de Janeiro — ZC—06 — Brasil.

A Direção da Revista se compromete a informar aos Autores, dentro de três meses, se os artigos e os comentários por eles enviados, serão ou não publicados. As revistas e os livros recebidos, enquanto relacionados à nossa especialidade, serão comentados ou mencionados nas colunas da Revista.

HISTÓRICA aceita troca com revistas da mesma especialidade.
On demande l'échange. — We ask for exchange.

Reservados os direitos de tradução e de reprodução para todos os países.

Histórica: Revista de estudos, metodologia e opinião,
dedicada aos professores e aos interessados na História.
Ano I- N.º 2- maio/agosto 1972.
Rio de Janeiro — Grifo Edições 1972.

V. Ilustração 23 cm quadrimestral

DIRETOR: 1972 — VICENTE TAPAJÓS

1. História — Periódicos. 2. Filosofia da História —
Periódicos. 3. Metodologia da História — Periódicos.
I. TAPAJÓS, VICENTE, 1916.

CDD 905



a extinção dos índios *

Luiz Palacin

NÚMERO DE ÍNDIOS

É impossível fazer um cálculo, mesmo aproximado, do número de índios que havia na costa ao chegarem os portugueses, com base unicamente nas fontes da época.¹ As indicações, esparsas, nos documentos, são quase sempre ponderativas (inumeráveis, infinitos sobretudo, quando se trata de realçar o grande número de índios mortos), mas imprecisas.

Diz Cardim: "Eram tantos os índios desta Costa, que parecia impossível poderem-se extinguir; porém os portugueses lhes têm dado tal presa que quase todos são mortos."² O Padre Sebastião Gomes compara-os às formigas (comparação sumamente expressiva para um europeu chegado ao Brasil): "Sendo tantos como as formigas agora não há nenhum."³

Estas afirmações devemos tomá-las sempre com grande ceticismo, pois o natural desejo de ponderar leva à exageração, muitas vezes desproporcionada.

Bom exemplo é a afirmação de Gouveia — ordinariamente bastante ponderado — que falando dos escravos pretos escrevia "há aqui muitos milhões destes etíopes"⁴, quando, em realidade, sabemos que naquele momento os escravos africanos não passariam de vinte e cinco mil em todo o Brasil.

Também há que ter em conta, ao ponderar estas afirmações, tão carregadas do peso do subjetivo, que sempre se fazem tomando como referência — consciente ou inconscientemente — a população dos diminutos núcleos brancos semi-extraviados nas "trezentas léguas de costa" onde os índios eram tantos como formigas. Para os quarenta vizinhos portugueses de Porto Seguro, os aimorés, que os cercavam e asfixiavam, deviam parecer tão inumeráveis e onipresentes como as parasitas que fecham a mata.

Na verdade, os índios não podiam ser muitos, em números absolutos. Confirma-se isto pelo seu nomadismo, seu estado permanente de guerra, e sua alimentação dependente de atividades primárias caçadoras e de coleta, com uma

* Capítulo do livro inédito: "A Colonização do Brasil — Século XVI".

agricultura mui incipiente e subsidiária. Nóbrega sublinha várias vezes que, à chegada dos portugueses, os índios morriam literalmente de fome, e que graças aos instrumentos de ferro que os comerciantes lhes entregavam, puderam desenvolver a plantação da mandioca e adquirir uma base firme para sua alimentação. Dependiam tanto do comércio com os portugueses para sua subsistência, que ele e Pero Correia propuseram, em diversas ocasiões, um plano de conversão dos índios, forçando-os a fazer-se cristãos por meio da restrição do comércio unicamente aos convertidos.⁵

Se as afirmações sobre o número de índios são quase sempre genéricas, “muitos”, “inumeráveis”, encontramos, contudo, algumas indicações mais precisas, embora quase sempre ocasionais e fragmentárias.

Dos tupinambá, por exemplo, temos a indicação precisa de Lery sobre o número de núcleos (e seus nomes) localizados em torno à baía da Guanabara: 22. O mesmo acontece com os Núcleos de Angra dos Reis e do Maranhão.⁶

Também temos uma indicação bastante exata sobre o número de aldeias dos índios potiguares do Rio Grande do Norte, que ocupavam a região entre os rios Parnaíba e Paraíba, entrando pelo interior até à serra de Capuaba. O Pe. Pinto, que percorreu grande parte das aldeias em missão diplomática, deixou este testemunho: “Fiz aqui a reseña das aldeias deste sertão de Caboaba, pela relação dos índios, e achei quase setenta: e querendo saber deles quantas serão, por todas as aldeias dos potiguares, em todas as quatro ou cinco comarcas em que moram, achei serem por todas trezentas e vinte.”⁷

Contudo, estas cifras estão longe de oferecer uma base sólida (como a primeira vista poderia interpretar-se) para um cálculo populacional. Para fazê-lo, deveríamos estar em condições de responder a estas questões: de quantas malocas se compunha cada núcleo local?

quantos indivíduos moravam em cada maloca? É impossível dar uma resposta satisfatória a estas perguntas. Em primeiro lugar, porque as variações locais, muito acentuadas sem dúvida, não permitem estabelecer uma regra. Depois, também, porque as informações dos cronistas apresentam notáveis discrepâncias neste ponto. Se bem que o número de malocas de cada núcleo local pode estabelecer-se em volta de quatro — embora as vezes se enumerem sete e oito —, com respeito ao número de habitantes de cada maloca as indicações variam entre 50 e 850.⁸

Outras vezes, os números são posteriores à ocupação portuguesa. Cardim diz que 36.000 índios, que havia em torno a Salvador, quando se estabeleceu o domínio efetivo dos portugueses, passaram às Aldeias dos padres. Mas, neste número não estão incluídos os que morreram nas guerras, nem os que fugiram para o sertão, nem aqueles que passaram a ser escravos dos colonos ou com o nome de forros ficaram adstritos a suas fazendas.

De todas as formas, podemos deduzir destas cifras, que nos lugares mais férteis da costa (como nos mangueirais pela abundância de caranguejos) a população indígena apresentava densidade apreciável, e muitas vezes superior, em número, aos pequenos núcleos das vilas portuguesas.

O EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS

A extinção dos índios não foi em todos os lugares igual, nem simultânea. Poderia formular-se uma espécie de lei: que há uma relação inversa entre índios e portugueses. Nos lugares onde o assentamento português é antigo e perfeito, como Pernambuco, os índios no fim do século XVI tinham praticamente desaparecido. Na Bahia, em que o estabelecimento foi um pouco posterior, os índios estavam em transe de extinção e só se conservavam (assim como, em Per-

nambuco, os poucos que havia) em virtude das contínuas descidas. Mas, nas Capitânicas onde os portugueses tinham apenas lançado inseguras cabeças-de-ponte. Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo — os índios continuavam quase intactos.

Em meados do século XIX, podia ainda afirmar Varnhagen: "Seguem as três Capitânicas dos Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo, que apesar de seu fecundo solo e dos muitos rios que as retalam, e dos freqüentes portos que oferecem ao comércio, haviam progredido mui pouco, como segue sucedendo até hoje. Tão nociva lhes foi a influência de falta de uma colonização simultânea que pudesse absorver os selvagens, em vez de se deixar por eles tragar." ⁹

Caso especial apresenta a Capitania de São Vicente, e em particular a Vila de Piratininga, pelas suas origens híbridas e por seu caráter peculiar de quebra-ondas isolado no meio do sertão, onde se deu uma fusão e mútua cooperação do índio, o português e o mameluco, como não se encontra em outras partes do Brasil.

A extinção é, portanto, fenômeno (neste primeiro século) exclusivo das Capitânicas mais antigas do Norte: Bahia e Pernambuco.

Assim descreve o **Discurso das Aldeias** a extinção dos índios da Bahia: "A gente que de vinte anos a esta parte é gastada na Bahia parece cousa, que não se pode crer; porque nunca ninguém cuidou, que tanta gente se gastasse nunca, quanto mais em tão pouco tempo; porque nas quatorze igrejas, que os Padres tiveram, se juntaram 40.000 almas, estas por conta, e ainda passaram delas com a gente, com que depois se forneceram, das quais se agora as três igrejas que há tiverem 3.500 almas será muita; há 6 anos que um homem honrado desta cidade, e de boa consciência, e oficial da câmara que então era, disse que eram descidas do sertão de Arabó, naqueles dois anos atrás 20.000 almas por

conta, e estas todas vieram para as fazendas dos portugueses. Estas 20.000 com as 40.000 das igrejas fazem 60.000. De 6 anos a esta parte, sempre os portugueses desceram gente para suas fazendas, quem trazia 2.000 almas, quem 3.000, outro mais, outro menos; veja-se se de seis anos a esta parte o que isto podia somar, se chegam ou passam de 60.000 almas. Vão ver agora os engenhos e fazendas de Bahia, achá-los-ão cheios de negros de Guiné, e mui poucos da terra, e se perguntarem por tanta gente, dirão que morreu." ¹⁰

Poder-se-iam aduzir muitos outros testemunhos. Conservarei tão só o do Pe. Fonseca em sua **Representação** ao Rei no ano 1585: "Está a terra despoçada, até duzentas e trezentas léguas, tem trazido muitos milhões de índios e pelos cativarem e venderem apartando as mulheres dos maridos, e os filhos dos pais, com tristeza, maus tratamentos, e mudança das terras, logo morrem." ¹¹

Analisemos mais em detalhe como se deu este choque das duas etnias e das duas culturas, com a extinção final da mais débil.

CAUSAS DO DESAPARECIMENTO DOS ÍNDIOS:

A) A GUERRA

As tribos indígenas encontravam-se em estado quase permanente de guerra entre si. A razão disto é (como fazem notar com insistência as primeiras cartas dos jesuítas) que a guerra entre os índios não se devia a um afã de conquista, ou expansão, mas exclusivamente à vingança. ¹² Assim, cada encontro criava as bases para futuras vinganças, num processo indefinido.

Os portugueses aproveitaram-se desta circunstância, e procuraram exacerbar ainda mais estes ódios e guerras tribais. Escreve Travaços, recolhendo a experiência de mais de sessenta anos: "Dois ciúmes que em cabo uns dos outros têm,

por respeito dos quais dão mui fácil crédito a qualquer suspeita e leve indício, procederam sempre todas as divisões, guerras e diferenças que todo este gentio do Brasil entre si tem, e por aqui lhes urdem os portugueses muitas brigas com que se desavêm umas nações com as outras, com o qual ardil os entramos e desbaratamos, que todos juntos nunca ninguém pudera com eles, nem os domara.”¹³

Já desde os primeiros dias de sua chegada, advertiam os Jesuítas a vigência deste cruel costume, e procuraram cortá-lo. Mas os colonos se opunham, arguindo que nisto se encontrava o “bem da terra”, e que era necessário à segurança dos portugueses. Segundo Nóbrega, esta era a política seguida por todos: capitães e prelados, eclesiásticos e religiosos; chegando a entregar os índios uns aos outros, e a seus próprios escravos, para que se devorassem.¹⁴

Quando os colonos e as autoridades foram sentindo-se mais fortes, e já ousaram impor sua autoridade efetivamente mediante expedições guerreiras organizadas (conquistas da Guanabara, Cabo Frio, Sergipe, Rio Grande), isto seguiu significando um desgaste contínuo para os índios por um capítulo duplo: a própria guerra, sustentada quase unicamente por índios de um e de outro lado; e as conseqüências imediatas da guerra com seus estragos de vidas humanas em massacres, destruições, fome e epidemias, efeitos todos conseqüentes às campanhas organizadas na forma de razias.¹⁵

Caso exemplar de extermínio pela guerra é o dos tamoios de Rio e Cabo Frio. Antes da conquista tão numerosos, desapareceram por completo da região: os portugueses até levaram a cabo sua substituição metódica por tribos de outras regiões.¹⁶

B) A FUGA PARA O SERTÃO

Na época pós-bélica (e muitas vezes antes, na paz tensa que a precedia) co-

meçava o despovoamento, pela fuga dos índios para o sertão. Submetidos a toda classe de agravos e humilhações, tendo que suportar que lhes levassem seus filhos e suas mulheres, expostos a ser arrebatados a qualquer momento e ser marcados com o ferro em brasa dos escravos — bastava “saíssem das abas dos padres e os topavam, logo eram ferrados” — muitos preferiam fugir, sós ou em grupos, às vezes toda uma aldeia, para o interior, mesmo com risco de perecer nas mãos de seus inimigos. Knivet conta em suas memórias que encontrou uma tribo de uns 30.000 tamoios que tinham fugido do Rio, quando da sua conquista, e se dirigiam para o Sul. Chegaram a alcançar o Rio dos Patos, mas os portugueses os exterminaram matando 10.000 e repartindo o resto como escravos.¹⁷

Um dos casos mais significativos é a fuga em massa para o sertão de três Aldeias dos jesuítas na costa da Bahia; as Aldeias de São Paulo, Espírito Santo e Santo Antônio. Estas Aldeias por estarem à beira-mar, para facilitar sua subsistência, e ficarem no caminho de Ilhéus, eram atravessadas por todos os que passavam pela praia. Os colonos, aproveitavam sua passagem, para arrebatá-los aos índios seus míseros haveres, não lhes deixavam (segundo o testemunho do Discurso das Aldeias) nem suas redes de dormir, nem sequer as linhas da pesca. A situação tornou-se tão insustentável, que um dia as três Aldeias saíram em disparada, sem que os missionários pudessem impedi-lo.

Mas o último e decisivo golpe, que obrigava aos núcleos sobreviventes emigrar, era verem-se despossuídos de suas terras. Ao aumentarem os colonos, não se encontrando já terras próximas à cidade, buscavam, por todos os meios, arrebatá-las as terras dos índios.¹⁸

Sumamente instrutivo, por mostrarnos melhor quão inexoravelmente estava lançada a sorte dos índios desde o começo, é o caso das terras das Aldeias

regidas pelos padres na Bahia. Nem a provisão régia, nem o amparo do governador, nem o nomeamento pelo Rei de um Procurador dos índios, nem a solicitude dos padres puderam evitar o inevitável: que os índios fossem despossuídos de suas terras férteis, próximas à cidade.

Assim resume, vigorosamente, o processo o **Discurso das Aldeias**: “Como o número dos portugueses foi em crescimento vindo muita gente do Reino, começaram a ocupar as terras dos índios; a isto acudiu Diogo Zorrilla, seu procurador na era de mil quinhentos e setenta e um, fazendo uma provisão ao Governador sobre as ditas terras cujo despacho é o seguinte: lance-se pregão que nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja, lavre, nem faça benfeitorias nas terras que foram dadas aos índios nas igrejas e povoações do Espírito Santo, São João e São Tiago, Santo Antônio e nas mais povoações, posto que tinha delas dado título por mim, sob pena de perderem as benfeitorias, e todo o direito que nelas pretenderem ter, e paguem cinquenta cruzados, a metade para quem, os acusar, e metade para as obras de fortaleza desta cidade, Capitania de Salvador. Este pregão foi lançado e disto se fez termo e auto como é costume, que tudo está acostumado à petição, mas como estes índios sejam pobres, e não há quem por suas necessidades olhe, se não Padres da Companhia, não houve execução ao dito pregão, nem se olhou mais por isto, e os índios, se foram afastando dos portugueses, porque com seus currais e fazendas lhes foram ocupando suas terras. E ainda agora os não deixam lá onde estão.”¹⁹

C) O CATIVEIRO

A maior parte dos índios da costa foi apreendida como escravos, ou viviam como forros nas casas e fazendas dos colonos num regime de escravidão real.²⁰

E o número de escravos iniciais aumentava continuamente, e se renovava com as “descidas” de índios do sertão.

Quase todos estes índios, escravos ou semi-escravos, costumavam viver pouco tempo. Na Bahia e Pernambuco deu-se o mesmo fenômeno que já os espanhóis tinham conhecido cinquenta anos antes nas Antilhas: a rápida extinção dos índios escravizados por sua inadaptação à vida civilizada. A passagem brusca, sem um processo lento de aculturação, da vida caçadora, seminômade, às restrições e à rotina do trabalho metódico era superior à capacidade de adaptação — muito reduzida — do índio.²¹ Todos os testemunhos estão acordes em atribuir à tristeza um peso especial na extinção do índio. Como dizia Pero Rodrigues “de pura paixão e desgosto morrem ou vivem pouco”.²²

Matizando um pouco mais, o Pe. Fonseca acrescenta à tristeza o “mau tratamento e mudança das terras”. Do trato dado aos escravos já tratamos. A mudança das terras inclui a mudança total dos hábitos e da alimentação — gênero de vida, habitação, relações familiares — com transtornos profundos no metabolismo.

Em seus artigos podia resumir Cardim a experiência de todo o século: “Quando os pobres homens se vêem enganados e esgotados pelo trabalho excessivo, morrem de pura mágoa, e alguns fogem e acolhem-se mesmo entre seus inimigos, preferindo antes ser comido do que suportar o trato que assim lhes dão os portugueses. Destarte, de trinta ou quarenta mil que foram trazidos — “descidas” — não sei se três mil estão com vida.”²³

D) AS ENFERMIDADES

Fator importantíssimo na hecatombe do índio, causada por seu encontro com o europeu, foram as enfermidades contagiosas.

Todos os testemunhos estão de acordo, com uma rara convergência, nos efeitos saudáveis da terra do Brasil e de seu clima. Talvez um pouco acriticamente, insistem na extrema longevidade de seus habitantes.

Os índios eram robustos, bem formados, chegando até a matar as crianças defeituosas. E eram bastante sadios. As muitas e graves enfermidades endêmicas do Brasil hoje em dia, e que tanto arraigaram em seu solo tropical, foram trazidas pelos conquistadores da Europa e da África.

Mas precisamente sua incontaminação total com respeito aos novos germes é o que tornava ao índio um ser inerme ante as epidemias — tifo, sarampo, varíola, várias classes de gripe —, que rapidissimamente foram dizimando as tribos. O que afirmavam os missionários, com respeito à religião, que os índios eram como um papel em branco onde se poderia escrever qualquer coisa, poderia aplicar-se, talvez com maior razão, ao campo da patologia médica.

Onda trás onda, durante os cinquenta anos da segunda metade do século, as epidemias se propagam por toda a costa. Uma vez atacam a toda a população, outras — mais frequentemente — parecem ter perdoado os brancos para assanhar-se unicamente nos índios e negros, a “escravaria”.

Encontram-se referências parciais e genéricas a doenças mais ou menos gerais, nas cartas do cinquenta ao sessenta e dois. Poderíamos mencionar, como exemplo, a epidemia dos escravos no Espírito Santo em 1558²⁴, e a de São Vicente em 1561.²⁵ A primeira grande epidemia geral em toda a costa foram as varíolas de sessenta e três. “Em janeiro de 1563, escreve o **Discurso das Aldeias**, foi a grande mortandade das bexigas em todo o Brasil, de que morreu muito gentio.”²⁶

Conservamos do Pe. Leonardo do Vale uma descrição sumamente realista dos estragos que causou na Bahia:

“Não se lhes pode, Caríssimos, pintar o trabalho que seus Padres padeciam naquelas três Aldeias que a peste tinha ocupadas... porque além do fedor que a doença podia causar em doentes tão desamparados, havia muitas mulheres prenhes que tanto que lhes dava o mal as debilitava de maneira que botavam a criança ficando-lhes as párias de que procedia fedor insofrível até que morriam; e destas prenhes quase nenhuma escapava por toda a terra nem menos as crianças... porque nem parteiras havia que as levantassem, nem as mães tinham espírito para isto, e umas pariam na rua e outras no monturo. Finalmente chegou a coisa a tanto que já não havia quem fizesse covas e alguns se enterravam pelos monturos e a redor das casas, e tão mal enterrados, que os tiravam os porcos, e se os padres não puseram nisto cobro, foram ajudas à peste mais se acender.”²⁷

O Pe. Leonardo calcula que morreu a terça-parte dos índios, pois somente numa Aldeia morreram mil e oitenta, e segundo afirmavam, a mortandade era ainda muito maior pelo sertão.

Antonio Blazquez, que também deixou uma descrição pormenorizada desta epidemia, faz constar que tinha sido precedida imediatamente por outra menor.²⁸

A História do Colégio da Bahia oferece este balanço das duas epidemias: “Estando as coisas de cristandade nas Aldeias em grande aumento e fervor, como foi dito, foi o Senhor servido visitar assim os índios como os escravos no ano de mil e quinhentos e sessenta e três e sessenta e quatro com gravíssimas enfermidades, não só nas Aldeias dos nossos, mas ainda em toda a costa sentiu-se este castigo e uma grande mortandade.”

“Os que nesta Capitania morreram entre índios e escravos seriam até trinta mil mais ou menos. A primeira enfermidade foi de graves dores no íntimo das entranhas, que lhes fazia apodrecer os fígados e bofes, a segunda foi de va-

ríolas, com as quais aos pedaços lhes caíam as carnes, e se enchiam de vermes que os consumiam.”²⁹

Outras duas grandes epidemias escalonadas voltamos a encontrar entre os anos setenta e cinco e oitenta. O **Discurso das Aldeias** calcula em trinta mil os índios mortos. Mas é Anchieta que deixou uma descrição mais detalhada da passagem do sarampo pelas Aldeias da Bahia. Numa só Aldeia, morreram em dois dias seiscentos índios, e durante três meses, que durou a epidemia, enterravam-se na catedral doze e mais cadáveres diariamente.³⁰

Finalmente, em 1597, desenvolveu-se a última grande epidemia do século. Chegaram até nós as narrações de Pero Rodriguez e Tolosa. A carta latina de Pero Rodriguez apresenta como nota curiosa a reminiscência clássica de que a peste foi precedida na Bahia pela aparição de dois cometas, que uma e outra vez cruzaram o céu límpido da noite, tão brilhantes que escureciam as luzes das casas. O temor da população, que via nisto o prenúncio de um mal iminente, viu-se confirmado, pois dentro de poucos dias eclodiu a epidemia.³¹

O padre Tolosa destaca um ponto significativo: a doença não atacava os portugueses, mas sim a seus filhos nascidos no Brasil.³² Esta circunstância foi também documentada, mais tarde, pelo **Diálogo das Grandezas do Brasil**, e por Frei Vicente do Salvador.

Pero Rodriguez, escrevendo mais tarde, calculava o número das vítimas da epidemia em quinze mil.

Podemos incluir também no capítulo das epidemias este episódio macabro sucedido na conquista do Rio Grande do Norte. Um corpo de exército português interna-se terra adentro buscando o combate com os potiguares, enquanto outro segue por mar a caminho do Forte. Mas aos poucos o exército da terra, atacado de varíolas, tem que retirar-se. Então “vendo o gentio Potiguar que os nossos se retiravam, veio-os seguindo, porém não se atreveram acometer o exército, mas contentavam-se com quebrar as cabeças dos mortos e comer daquela carne. Pelo que de tal maneira se pegou o mesmo mal a eles, que se afirma que mais morreram de doença do que houveram de morrer indo a guerra por diante”. Informações recolhidas pelo Padre Pinto entre os índios e os franceses que os ajudavam, faziam subir os mortos a dois terços da população, havendo aldeias em que amanheciam cem pessoas mortas.³³

Assim, pela confluência de diversas causas, se processava por primeira vez em Pernambuco e na Bahia a extinção rápida dos índios aborígenes; fenômeno que haveria de repetir-se em todo o Brasil, mais tarde, com o avanço da colonização.

NOTAS E REFERENCIAS

1. Varnhagen calcula em menos de um milhão o número de índios do Brasil ao tempo da conquista, com uma densidade média de dois índios por légua quadrada, e uma concentração mais alta nos lugares privilegiados como os mangues da Bahia e Maranhão. *História Geral do Brasil*, Rio de Janeiro, 1956, I, p. 25. Rosenblat indica para o ano de 1570 a seguinte distribuição da população do Brasil: brancos, vinte mil; pretos e mestiços, trinta mil; índios, oitocentos mil. Ao tempo da

descoberta, calcula que houvesse um milhão de índios. *La población indígena y el mestizaje en América*, Buenos Aires, 1954. As cifras de Rosenblat estão sendo revistas por investigações posteriores, cf. Magnus Morner, *A História das Relações de Raças na América Latina*. Alguns comentários sobre o estado da pesquisa, *Revista de História*, n.º 72.

2. *Tratado da Terra*, p. 171.

3. Citado por Serafim Leite, *História*, I, p. 517.

4. ARSI Lus. 68, f. 342r.
5. Mon. Bras. I, 433. Segundo a História do Colégio da Bahia, houve índio que veio do sertão caminhando até duzentas e cinquenta léguas para adquirir instrumentos de ferro. ARSI Bras. 12, 18. Nóbrega diz que se os índios pudessem expulsar os portugueses não o fariam, por depender de seu comércio e de ferramentas para subsistir.
6. Florestan Fernandes, *Organização social dos Tupinambás*, São Paulo, 1963, págs. 60 ss.
7. Cit. por Serafim Leite, *História*, I, p. 524.
8. Florestan Fernandes, op. cit., pp. 64-65; 50. As variações são as vezes tão grandes que Abbeville e Morais indicam uma média de 200-600 habitantes para cada núcleo local, enquanto Thevet faz subir o número a 6.000, 10.000 e 12.000.
9. *História*, II, p. 13.
10. ARSI Bras. 15, f. 8.
11. ARSI, Lus. 69, f. 13r.
12. É unânime a indicação das fontes neste sentido. Anchieta e Nóbrega assinalam como um refinamento deste afã de vingança o costume dos índios beberem no crânio de seus inimigos mortos, e conservarem suas tíbias para roê-las com esta intenção. Contudo, não é certo que os índios não tivessem guerras de conquista, embora este nome não lhes convenha totalmente; melhor que guerras de conquistas, diríamos emigrações de tribos com a conseguinte invasão de territórios estranhos, tal a ocupação da costa pelos tupinambás de que Gabriel Soares ainda recolheu notícias orais. *Tratado descritivo*, 360 ss.
13. *Sumário das armadas*, p. 8.
14. Mon. Bras. II, p. 267; III, p. 76.
15. Mon. Bras. III, p. 158. Na resposta aos capítulos de Gabriel Soares, os padres afirmaram que os mesmos índios se queixavam de que os punham sempre “na dianteira por barreira dos contrários”, p. 245. Sobre este tipo de guerra, cf. Cap. VIII.
16. Florestan Fernandes, op. cit., p. 32.
17. *Vana Fortuna e Estranhos Fados de Anthony Knivet* — tradução e introdução de Guiomar de Carvalho Franco. São Paulo, 1947, p. 130.
18. Mon. Bras. II, p. 399; ARSI, Bras. 15, f. 3.
19. Ibid., p. 4.
20. Anchieta, op. cit., pág. 58; Biblioteca de Ajuda, dod. 44- XIV. Cf. 185.
21. Cf. Guillermo Céspedes del Castillo, *Las Indias en el Reinado de los Reys Católicos* em Hist. de España y América, II, p. 538 ss.
22. Anais XX, p. 256.
23. *Revista de História*, n.º 53, d. 465.
24. Mon. Bras. III, p. 18.
25. Ibidem, p. 379.
26. ARSI Bras. 15, f. 3r.
27. Mon. Bras. IV, p. 10.
28. Ibidem, p. 54ss, Anchieta também teve ocasião de observar a evolução da peste nas regiões do Sul; sua descrição não é menos realista: “Cobre-se todo o corpo dos pés à cabeça de uma lepra mortal, que parece couro de cação... fendem-se todos e quebra-se-lhes a carne pedaço a pedaço, com tanta podridão de pus, que sai deles um terrível fedor, de maneira que acodem as moscas, como a carne morta e podre, encima deles, e põem neles seus ovos, de forma que se não lhes socorressem comê-los-iam vivos.” Mon. Bras. IV, p. 179.
29. ARSI Bras. 12, f. 13r.
30. ARSI Bras. 15, f. 325.
31. Ibidem, f. 430.
32. Ibidem, f. 433.
33. Apud, Serafim Leite, *História*, I, p. 515.